

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
7 de Outubro de 2020  
DUPLOS E GÊMEOS

## DOUBLE IMPACT / 1991 Van Damme – Duplo Impacto

*Um filme de Sheldon Lettich*

*Argumento:* Sheldon Lettich e Jean-Claude Van Damme, longinquamente inspirado na novela “Les Frères Corses” (1844), de Alexandre Dumas / *Imagem* (35 mm, cor, Panaflex/Panavision): Richard Kline / *Direção artística:* Okowita / *Cenários:* Suzette Sheets / *Figurinos:* Joseph Porro / *Música:* Arthur Kempel / *Montagem:* Paul Conte / *Som (Dolby Stereo):* Mark Ormandy (montagem), Itzhak Magal (misturas) / *Interpretação:* Jean-Claude Van Damme (*Alex e Chad Wagner*), Geoffrey Lewis (*Frank Avery*), Alonna Shaw (*Daniele Wilde*), Corinna Everson (*Kari*), Philip Chan (*Raymond Zhang*), Alan Scarfe (*Nigel Griffith*), Bolo Young (*Moon*), Andy Armstrong (*Paul Wagner*) e outros  
*Produção:* Ashok Smritraj e Jean-Claude Van Damme, para a Stone Groupe Pictures / *Cópia:* do Svenska Filminstitutet (Estocolmo), 35 mm, versão original com legendas em sueco e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 108 minutos / *Estreia mundial:* França, 31 de Julho de 1991 / *Estreia em Portugal:* data não identificada. *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*\*\*

O cinema sempre teve um certo fraco pelos homens muito fortes. Se os anos 50 e 80 viram surtos de heróis cinematográficos extremamente musculosos, o subgénero em que o herói tem mais massa muscular do que matéria cinzenta surgiu nos primórdios do cinema, nos anos 10, quando os italianos cunharam o cinema monumental, com um importante personagem secundário (passe o paradoxo) no célebre **Cabiria**, realizado em 1914 por Giovanni Pastrone. O filme é um marco na história do cinema, mas um dos elementos a terem chamado a atenção à época foi a figura do dedicado e musculado escravo da heroína, denominado Maciste. O personagem (representado por um estivador do porto de Génova, que logo mudou de profissão) teve tanto êxito que no ano seguinte foi realizado um filme intitulado simplesmente **Maciste**, seguido de diversos outros, quase trinta, em que o personagem, sempre incarnado por Pagano, vivia variadas aventuras, inclusive como soldado italiano na Grande Guerra. Nos anos 50, o filme de aventuras antigas, o *peplum*, como foi ironicamente denominado, foi um género extremamente popular, sobretudo através de *produções expatriadas* americanas, rodadas em Itália, com personagens da mitologia antiga, como Hércules, Perseu e Aquiles, além do ressuscitado Maciste, que é uma invenção do cinema (a Bíblia tem menos personagens famosos deste género, embora Cecil B DeMille tenha feito um dos seus melhores *peplums* com **Sansão e Dalila**). Neste período Steve Reeves foi sem dúvida o *muscle man* mais importante do cinema e a sua figura é tão inseparável dos *peplums* quanto a de Sean Connery é-o de James Bond. Mais ou menos no momento em que o novo *peplum* morria, surgia em Hong-Kong um novo género que tomaria de assalto as salas de cinema de quase todo o mundo (os países comunistas devem ter constituído as únicas exceções): o filme de artes marciais, uma forma de combate bem mais coreográfica e espetacular do que uma simples troca de murros, cujo herói absoluto é Bruce Lee, que teve o seu mito reforçado pela morte prematura. A indústria americana, que se recuperava nos anos 70 daquele que fora o seu decénio mais desastroso, não deixou que os asiáticos ocupassem sozinhos esta fatia do mercado (basicamente um público popular, masculino e culturalmente subdesenvolvido) e absorveu elementos deste cinema, que deu ainda maior importância aos embates físicos do que estes já tinham nos géneros populares. O inesperado êxito de **Rocky**, de Sylvester Stallone, foi um divisor de águas. Embora o filme aborde um desporto “clássico” e que tem uma importante filmografia, o boxe, e embora illustre muitas das mitologias habituais dos filmes de boxe (o campeão contra o desconhecido, o combate que vai decidir de uma vida), **Rocky** abriu espaço para o que viria a ser um novo surto de aventuras de homens musculados no ecrã, cujas vedetas seriam, cronologicamente, Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger e Jean-Claude Van Damme. Em plena era do *blockbuster* – o filme feito para públicos indiferenciados, partindo do princípio de que um norueguês e um filipino são idênticos e os seus países também, cujo primeiro exemplar é **Jaws** – em que os efeitos predominam por completo,

ou quase, sobre a narrativa, estes musculosos senhores protagonizavam aquilo que veio a ser chamado (a expressão ainda tem curso) *filmes de ação*, partindo-se do princípio de que não se trata de uma ação narrativa, uma teia de acontecimentos em que estão presos interesses contraditórios, mas de ação física desmedida, combates espetaculares, verdadeiramente coreografados. Há pouca ou nenhuma narração nestes filmes, há uma série de emoções primárias, o que fez com que um crítico entusiasta os comparasse às montanhas russas. Foi ao enveredar por este tipo de cinema que a indústria americana perdeu quase por completo aquilo que fazia uma das suas grandes forças: uma inesgotável capacidade de narrar, de contar histórias.

Nos anos 80, o êxito comercial dos *filmes de ação* com protagonistas de músculos retesados foi tal que apenas três anos depois do seu primeiro grande êxito, **Bloodsport**, Jean-Claude Van Damme sentiu a necessidade de fazer um filme um pouco diferente daqueles que fazia, para que o público não se cansasse dele. O resultado foi **Double Impact**, do qual a vedeta também foi coargumentista e coprodutor. A ideia de um papel duplo foi dele e foi uma ideia astuciosa: ao representar um papel duplo, o público poderia ver a sua imagem habitual de herói decidido e musculoso, que dá conta do recado nas *cenhas de ação* e, ao mesmo tempo, uma outra imagem, a de um homem capaz de sentimentos e de um comportamento normais. Os excelentes resultados de bilheteira provaram que Van Damme tinha razão. É preciso reconhecer que a vedeta e o realizador e co-argumentista não quiseram fazer um filme “de ação”, sem trama narrativa. Há aqui uma trama narrativa, a história de uma vingança e do reencontro de dois homens que são fisicamente idênticos e têm temperamentos totalmente diferentes (para diferenciar os personagens foi adotada uma solução tão simples quanto eficaz: fazê-los usar penteados diferentes). As cenas de combate são relativamente breves (e bastante variadas, segundo uma receita clássica, para não entediar o espectador) e nenhuma delas é tão coreografada como as dos filmes de artes marciais de Hong-Kong, o que talvez seja deliberado. É significativo que da primeira vez que Van Damme surge na tela esteja a exhibir o seu corpo e as suas habilidades físicas (faz um *grand écart* digno de um bailarino clássico), porém não em combate e sim diante de um grupo de pacíficas e animadas alunas. A associação de **Double Impact** ao cinema de Hong Kong é evidente e é sublinhada pelo facto da ação se passar em Hong-Kong, cidade associada ao cinema de artes marciais, às tríades mafiosas e à sobrevivência do sistema colonial, tendo os dois primeiros elementos forte presença no filme. Entre os numerosos “maus”, além dos chefes (um chinês e um europeu) dois se distinguem entre os sicários e, numa boa e típica ideia de argumentista, ambos fogem às regras: um por ser um homem hediondo (tem uma cicatriz semelhante a uma cruz suástica) e de força descomunal, o outro por ser uma lésbica que, aos poucos, revela-se extremamente perigosa (é ela, e não algum homem, que “abusa”, ainda que moderadamente, da heroína secundária). O argumento também leva em conta as diversas situações que surgem quando há geminação e, num pequeno golpe de mestre, o filme oferece o grande prémio que os seus espectadores originais mais almejavam e talvez menos ousassem esperar: uma luta corpo a corpo de Van Damme com ele mesmo, por ciúmes sexuais (embora as bermudas cor-de-rosa de Chad o tenham feito tratar por *faggot* pelo irmão, quando os dois se encontram pela primeira vez: será uma alusão ao primeiro e breve papel de Van Damme no cinema, o de um homossexual que dá uma boleia ao herói do filme?). Outra boa ideia do par de argumentistas (é preciso especificar que o filme é longinquamente inspirado de uma história de Alexandre Dumas, que foi adaptada várias vezes ao cinema e ao teatro) foi fazer com que os dois gémeos se unam e se separem alternadamente, ao sabor das necessidades da sua luta. É assim, que cada um deles mata pelo seu lado dois dos grandes “maus”, com bastante imaginação. E foi assim que Jean-Claude Van Damme e Shelton Lettich conseguiram fazer uma variação narrativa com um personagem de filme “de ação”, sem se esquecerem de entregarem ao espectador, no desenlace, a imagem positiva do ator: vemos Chad, o “bom” da dupla, num *arrêt sur l'image*, fazer um sinal de cumplicidade ao espectador, quando Alex, o seu duplo “mau”, reencontra a namorada. **Double Impact** tem suficiente matéria narrativa, ainda que magra, para satisfazer um espectador que não se contente, no desenrolar de um filme, com uma sucessão de pancadarias e perseguições automóveis.

Antonio Rodrigues